

Sistemas Alimentares e Territórios no Brasil

CATIA GRISA | ERIC SABOURIN | LUDIVINE ELOY | RENATO S. MALUF
ORGANIZADORES



UFRGS
EDITORA



PGDR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
DESENVOLVIMENTO RURAL / UFRGS



**UNIVERSIDADE
FEDERAL DO RIO
GRANDE DO SUL**

Reitor

Carlos André Bulhões

Vice-Reitora

Patrícia Helena Lucas Franke

Pró-Reitor de Coordenação Acadêmica

Júlio Otávio Jardim Barcellos

EDITORA DA UFRGS

Directora

Luciane Delani

Conselho Editorial

Carlos Gustavo Tornquist

Henrique Carlos de Oliveira Castro

Janette Palma Fett

João Carlos Batista Santana

Jurandir Malerba

Luís Frederico Pinheiro Dick

Mônica Zichinsky

Otávio Bianchi

Patrícia Chitroni Ramos Renillard

Virgínia Pradelina da Silveira Fonseca

Luciane Delani, presidente

Sistemas alimentares e territórios no Brasil

CATIA GRISA | ERIC SABOURIN | LUDIVINE ELOY | RENATO S. MALUF
ORGANIZADORES

© dos autores
1ª edição 2022

Direitos reservados desta edição:
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Capa: Carla M. Luzzatto
Revisão e editoração eletrônica: Fernando Piccinini Schmitt

A grafia desta obra foi atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 1º de janeiro de 2009.



S623 Sistemas alimentares e territórios no Brasil [recurso eletrônico] / organizadores Cátia Grisa, Eric Sabourin, Ludivine Eloy [e] Renato S. Maluf. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2022.
312 p. : pdf

(Estudos Rurais)

1. Agricultura. 2. Desenvolvimento rural. 3. Sistemas agroalimentares. 4. Agricultura familiar. 5. Território. 6. Políticas públicas. 7. Mercados. I. Grisa, Cátia. II. Sabourin, Eric. III. Eloy, Ludivine. IV. Maluf, Renato S. V. Série.

CDU 631:338.432

CIP-Brasil. Dados Internacionais de Catalogação na Publicação.
(Jaqueline Trombin – Bibliotecária responsável CRB10/979)

ISBN 978-65-5725-072-3

A virada praxiológica nos estudos alimentares

Maycon N. Schubert
Paulo A. Niederle
Luiza M. Tavares
Viviane Carrion Castanho
Samile Andrea de Souza Vanz

Este capítulo discute o uso da Teoria das Práticas Sociais nos estudos alimentares, buscando evidenciar de que forma a chamada “virada praxiológica” se apresenta a esse campo de estudos. Partindo das reflexões que vêm sendo produzidas no âmbito do projeto de pesquisa intitulado “Teoria das Práticas Sociais e Sociologia da Alimentação: desafios metodológicos frente às perspectivas pragmáticas” procuramos identificar quais conceitos, autores e categorias analíticas marcam os rumos dessa “virada”. Os dados foram extraídos da análise de artigos publicados entre 1990 e 2021,¹ disponíveis em seis repositórios científicos: Sociological Abstracts, Food Science and Technology Abstracts, Scopus, Web of Science, Citas Latino-Americanas en

¹ A data da última coleta de dados foi realizada em 25/08/2021.

Ciencias Sociales y Humanidades e SciELO. Com base no método de análise bibliométrica, o estudo evidencia os principais autores e conceitos mobilizados, artigos e revistas de referência e algumas redes de colaboração entre pesquisadores.

A alimentação, a comida e o comer constituem um campo de estudos emergente, que vem crescendo desde a década de 1990,² e que se expande sem respeitar as fronteiras disciplinares (Díaz-Mendez et al., 2013). Não obstante, em razão disso, alguns desafios se impõem à própria consolidação do campo. O primeiro deles é a falta de unicidade nos modelos analíticos, já que áreas como a nutrição e a antropologia – para mencionar apenas duas – partem de posturas epistemológicas muito distintas (Poulain, 2002). O segundo corresponde à falta de estudos comparados, o que permitiria desenvolver abordagens teórico-metodológicas mais alinhadas e com capacidade de apontar fenômenos e tendências sociais mais amplas (Díaz-Mendez; Espejo, 2016). Por fim, um desafio recente e especialmente relevante para as ciências sociais é o tratamento científico dado ao fenômeno social do comer. Warde (2016, p. 52) argumenta que o “comer” tem sido tratado como tópico de estudos e não como um conceito analítico, inclusive por sociólogos e antropólogos como Pierre Bourdieu, Marshall Sahlins, Claude Lévi-Strauss, George Simmel, Nibert Elias e Mary Douglas.³

Diversas publicações demonstram o crescente interesse pela aplicação da Teoria das Práticas Sociais nas pesquisas sobre fenômenos alimentares (Kanerva, 2021; Neuman, 2018; Schubert, 2017; Holm, 2013; Warde, 2005). Buscando compreender essa tendência, o artigo, primeiramente, delimita o campo da Sociologia das Práticas Sociais dentro do que muitos autores chamam de “virada praxiológica” (Peters, 2020). Em seguida, apresenta as abordagens teóricas mais proeminentes, explorando seus pontos de “fricção” e convergência. A seção subsequente apresenta dados preliminares de uma análise bibliométrica sobre uso dessas diferentes abordagens. Por fim, oferecemos algumas considerações acerca das perspectivas e desafios que se apresentam para os/as pesquisadores/as que pretendem trilhar esse caminho.

² A data serve como referência pelo estudo bibliográfico conduzido por Díaz-Méndez e Espejo (2016), após encontrar escassas publicações em anos anteriores, que poderiam estar enquadradas no campo da Sociologia da Alimentação.

³ Nesse sentido, Warde (2016) propõe analisar o comer teoricamente a partir de três dimensões: a) eventos e ocasiões; b) as comidas, menus e os pratos; e, c) a incorporação.

As múltiplas ontologias na “virada proxiológica”

A praxiologia, segundo Jonas e Littig (2017), corresponde a um complexo e heterogêneo conjunto de atividades e suas sociomaterialidades contextuais nas quais diferentes atores se engajam. A práxis refere-se ao social, indicando que tais conjuntos são levados adiante por atores humanos e não humanos a partir das suas interações. Nesse sentido, o foco passa a ser os processos sociais e as situações em que os indivíduos estão imersos diariamente; e, também, com respeito a como estes indivíduos se relacionam com outras entidades. De acordo com Peters (2020, p. 170), “o cerne da praxiologia é uma ontologia radicalmente processual do mundo societário”, na qual “o universo social não pode ser tomado simplesmente como um dado que se impõe aos agentes a partir do exterior, mas tem de ser pensado como resultado contínuo e contingente das práticas daqueles agentes”

É importante, desde já, diferenciar essa virada proxiológica da chamada Filosofia da Práxis Social. A primeira se conforma a partir das contribuições de Heidegger, no *Ser e o Tempo* (2017 [1927]), e de Wittgenstein (1979 [1957]) em *Investigações filosóficas*. Aí se concentra a Sociologia das Práticas Sociais, que nos interessa mais diretamente nesse capítulo. Já a segunda advém de Aristóteles, pelo conceito de ação, e se manifesta na dialética marxista pela ontologia do materialismo histórico, se desdobrando em Gramsci, Adorno e tantos outros autores do campo geralmente conhecido como Teoria Crítica (Gerra; Ferreira, 2016; Michleis, 2017; Tiburi, 1995). Mesmo assim, não se deve desconsiderar a interconexão entre essas tradições de pensamento, de tal modo que, para Browne (2017, p. 40), “*In some respects, the difference between the philosophy of praxis and the sociology of practice is a matter of emphasis [...] it is possible that a version of the sociology of practice could become a dimension of the project of critical theory*”.

Reckwitz (2002) classifica tais movimentos teóricos a partir da “virada cultural ou interpretativista”, que se diferenciaria tanto da “escolha racional” (*Homo economicus*) quanto da “escolha orientada pelas normas” (*Homo sociologicus*). Segundo o autor, dentre as várias ontologias que definem essa virada estão o Mentalismo Cultural, no qual a unidade de análise é a mente dos indivíduos – que se subdivide, por sua vez, entre objetivistas (Lévi-Strauss) e subjetivistas (Husserl); o Textualismo Cultural, no qual a unidade de análise são os textos e discursos, a exemplo do pós-estruturalismo de Foucault; o Intersubjetivismo Cultural, que tem nas interações sociais seu foco privilegiado (vide ação comunicativa de Habermas); e, por fim, a Teoria das Práticas, cuja atenção volta-se às práticas sociais. Nesta última corrente, característica

da virada praxiológica, encontram-se as contribuições de Giddens, Bourdieu e Taylor (primeira geração) e, mais recentemente, de Schatzki, Nicolini, Reckwitz, Shove e Warde (segunda geração).

De outro modo, Peters (2020) propõe uma delimitação mais diretamente focada na virada praxiológica, a partir da qual se desdobrariam várias ontologias, naquilo que o autor chama de viradas dentro da virada. Em outras palavras, a virada praxiológica abarcaria as viradas existencial, culturalista, habitual, corporal, objetual, intersubjetivista e multidimensional. Além disso, o autor chama a atenção para o fato de que tais movimentos confluíram na conformação de certas abordagens teóricas, como se observa no conceito de *habitus* em Bourdieu, o qual comporta elementos da virada habitual, corporal e cultural.

Seja como for, para os objetivos desse capítulo o mais importante a reter é o fato de que essa nova ontologia impõe a necessidade de desenvolver novas formas de compreender o corpo, as coisas, a mente, o conhecimento, a linguagem, as emoções, os processos e os agentes. As práticas sociais condensam essas diversas expressões e permitem escapar das armadilhas do racionalismo (somente a racionalidade dos atores importam) e do subjetivismo (que supervaloriza os discursos representacionais), estabelecendo uma relação mais afetiva/efetiva com o mundo social, buscando situar as mudanças, delimitar as generalizações, relacionar os fenômenos e precisar os corpos (humanos e não humanos). Mesmo assim, o modo como a sociologia das práticas sociais tem sido empregado não aponta para uma solução singular. Como discutiremos a seguir, muitas diferenças aparecem quando comparamos abordagens mais recentes (Buch; Schatzki, 2019; Warde, 2016; Neumann, 2018; Nicolini, 2012).

Sociologia das práticas sociais

Quais ontologias seriam adequadas para se delimitar o campo da Sociologia das Práticas Sociais? Schatzki (2017, p. 28) argumenta que “*The only constrain that a practice ontology places on adopting nonpractice theories is that the theories be compatible with the ontology*”. Nesse sentido, o autor cita dois exemplos: a dimensão da “experiência”, que também pode ser compreendida pela fenomenologia; e a dimensão da “interação”, a qual a teoria das práticas compartilha com o interacionismo simbólico e a etnometodologia. As diferentes compreensões que essas ontologias oferecem para essas duas dimensões levam Schatzki (2017, p. 27) a concluir que “*ontologies*

themselves cannot simply be combined. Any rapprochement between, or consolidation of, them, or requires revisions – large or small – to one or both”. Disso decorre sua percepção de que “uma boa ontologia” depende de duas condições importantes. Primeiro, deve ser “racionalmente sensível”, o que significa operar com argumentos convincentes a partir das interpretações que oferece (teoricamente). Segundo, deve ser “empiricamente útil”, oferecendo conceitos operacionais importantes sobre o objeto analisado, além de oferecer descrições, explicações e interpretações coerentes. Em face disso, *“It is equally wrong to say, however, that adopting an ontology is simply a choice – you just have to pick one”* (Schatzki, 2017, p. 31).

Seguramente, diferenças importantes também podem existir entre teorias que operam no mesmo campo ontológico. É o caso dos “desalinhamentos” internos à Teoria das Práticas Sociais, os quais Schatzki (2017) exemplifica a partir de três conceitos. O primeiro é o de “regras tácitas”, amplamente utilizado por Giddens (2013). Para Schatzki (2017), ao invés de regras tácitas, que não existem, seria mais lógico falar em “inteligibilidade prática” (saber fazer o que se faz, do modo que é feito) em contextos de incertezas (flexibilidade e adaptação). O segundo exemplo advém de sua crítica ao uso do conceito de “rotinas” por Reckwitz (2002). Para Schatzki (2017, p. 25), usar esse conceito como unidade regular da reprodução social das práticas sociais *neglects much about practices*. Por fim, o autor critica duas categorias centrais das análises de Shove et al. (2012) e Reckwitz (2002) – *meanings* e *mental activities*, respectivamente – argumentando que elas não refletem adequadamente a dimensão teleológica e afetiva das práticas sociais, para o que Schatzki prefere falar em “motivações” e “fins”.

Apesar desses desalinhamentos, existe um conjunto de teorias que convergem em torno dessa nova ontologia. Note-se que, nesse sentido, contrariamente ao que geralmente prevalece na literatura, a Teoria das Práticas Sociais é mais adequadamente definida como um campo ontológico que abarca várias teorias. No que segue, primeiramente definimos as duas “gerações” (Warde, 2013) que compõem esse campo para, em seguida, apresentar quatro abordagens que têm ocupado um lugar de destaque na literatura contemporânea.

A primeira geração está associada aos trabalhos de Pierre Bourdieu e Anthony Giddens, a partir da década de 1970. Segundo Warde (2013), Giddens contribui com esse campo a partir do conceito de “Consciência Prática”, cuja explicação recai na forma como o agente se movimenta no mundo, sem necessariamente ser capaz de articular uma explicação discursiva para suas práticas. Por sua vez, com relação a Bourdieu, Warde (2013)

destaca o conceito de “sentido prático”, o qual deriva do conceito de *habitus*, cuja explicação recai sobre os “esquemas de disposição” obtidos pelos indivíduos a partir dos processos de integração social, os quais lhes permitem agir de um modo competente, regular e coerente, sem requerer uma direção consciente sobre suas atividades.

Schatzki et al. (2001) analisou criticamente os limites das formulações teóricas de ambos os autores da primeira geração, sugerindo que, enquanto em Giddens a “consciência prática” determina apenas as ações rotineiras, em Bourdieu o “senso prático” determina quase todas as atividades humanas. Nesse mesmo sentido, Warde (2016) sugere que ambos “desviaram” suas perspectivas teóricas das práticas sociais; Bourdieu porque priorizou em seus estudos o conceito de “campos”, subordinando e reduzindo o conceito das práticas a um jogo de forças onde se disputa o controle de capitais, e Giddens porque não deu importância para a inteligibilidade prática na constituição de formas não rotineiras de ação, sobretudo na medida em que ele exacerbou a importância das condutas reflexivamente monitoradas pelos agentes.

Foi, em grande medida, com o intuito de superar essas dificuldades encontradas nas formulações de Giddens e Bourdieu, que se desenvolveram as novas abordagens que são identificadas como a segunda geração da teoria das práticas (Warde, 2013). Dentre as quatro que ressaltaremos aqui, a primeira é a de Shove et al. (2012, p. 14), a qual define as práticas sociais a partir de três dimensões: 1) Material, incluindo objetos, tecnologias e entidades físicas tangíveis; 2) Competências, que englobam habilidades, saber-fazer e técnicas; 3) Significados, que incluem símbolos, ideias e aspirações. Esses autores salientam que “*We go on to argue that practices emerge, persist, shift and disappear when connections between elements of these three types are made, sustained or broken*”. Ademais, argumentam que as práticas inovam quando há mudanças desencadeadas pela conexão de elementos novos a elementos já existentes. Um exemplo é a prática de dirigir. Muitos elementos já existiam antes da invenção do próprio carro, como, por exemplo, a navegação (faróis) e a cavalgada (viajar pelo lado esquerdo da estrada, no caso de precisar usar a espada). Os primeiros carros foram construídos por construtores de carruagem, ou seja, tanto os materiais como as competências migraram de práticas já existentes para constituir práticas novas. Nesse sentido, compreende-se que novas estratégias e soluções no desenvolvimento de produtos ou serviços só se mantêm quando integradas à fluidez da vida cotidiana. Para que uma prática exista, seus elementos precisam estar presentes e serem integrados em instantes situados de performance. Em suma, não existem inovações técnicas sem inovações nas práticas.

A segunda abordagem é a de Reckwitz (2002), para quem as práticas são socialmente estruturadas pelo processo de rotinização, através de uma temporalidade que se desdobra sequencialmente e repetidamente. Basicamente, para esse autor, a ordem social é “reprodução social”. “*A practice is thus a routinized way in which bodies are moved, objects are handled, subjects are treated, things are described, and the world is understood*” (Reckwitz, 2002, p. 250). Ademais, o autor apresenta uma hierarquia entre as práticas sociais de dois tipos: 1) Práticas como entidades, que são práticas consolidadas, reconhecidas e dotadas de um padrão de reprodução amplo, como, por exemplo, a prática de dirigir automóveis; 2) Práticas como performances, que são práticas mais elementares – base para a formação das “Práticas como entidades” –, cujos elementos de reprodutibilidade não são constantes ou consolidados, tais como pensar, descrever coisas, imaginar etc.; são práticas cujos sentidos vão se constituindo no decorrer das performances em si, ou seja, são flexíveis e efêmeras. Schatzki (1996) as classifica como “Práticas integrativas” e “Práticas Dispersas”, respectivamente. Porém, sua classificação parte das estruturas elementares que constituem uma prática social (como veremos em seguida), diferente de Reckwitz (2002b), que baseia sua análise na rotinização temporal e espacial das práticas.

Nicolini (2012) é responsável pela terceira abordagem que se destaca nesse debate. Esse autor parte das mesmas premissas que Schatzki (2002), porém caracteriza as práticas sociais, além de integrativas e dispersas, como sendo de duas modalidades, a saber, *zoom in* e *zoom out*. A primeira corresponderia às práticas que se constituem de forma complementar. Por exemplo, a prática alimentar é composta pelas seguintes práticas: comprar, preparar, comer e descartar. Já a segunda corresponderia às práticas que se conectam em torno de uma prática já composta. Por exemplo, a prática alimentar se relacionando com a prática de trabalhar ou de exercitar-se. Tais caracterizações também podem ser percebidas em outros autores, como Warde (2016), que classifica a prática do comer como uma “prática composta”, constituída por diferentes práticas integrativas (plantar, comprar, preparar, comer, desperdiçar etc.); e Shove et al. (2012, p. 82-83), que analisa as diferentes conexões entre as práticas sociais, classificando-as como “codependentes”, quando há dependência entre elas, ou “coexistentes”, quando há relação entre as práticas, sem que haja dependência direta. Em suma, a contribuição de Nicolini (2012) põe em evidência a necessidade de se olhar as práticas ao redor, suas conexões, composições, dependências e refrações.

Por fim, a quarta abordagem é aquela apresentada por Schatzki (1996; 2001; 2002; 2013; 2019). Considerado o precursor da segunda geração de

teóricos das práticas sociais (Warde, 2005), Schatzki (2013) define as estruturas elementares do quem vem a ser uma prática social a partir de três mecanismos que conectam “dizeres” e “fazerem”: “entendimento compartilhado” (práticos e gerais),⁴ “regras” e “estrutura teleoafetiva”:

By “practical understanding,” I mean knowing which bodily actions to perform (in particular circumstances) in order to accomplish specific actions. “Rules” are formulated directives, admonishments, and edicts. A “teleological structure,” meanwhile, is a range of prescribed or acceptable ends, coordinated with a range of prescribed or acceptable projects, together with actions to be carried out in order for those ends to be achieved. And “general understandings” are understandings or senses of general matters pertinent to goings-on in the practice. (Schatzki, 2013, p. 34).

Para Schatzki (2002), esses três elementos se caracterizam da seguinte forma: a) O “entendimento prático” é onde se encontra o sentido mais elementar da inteligibilidade prática, ou seja, é o “saber-fazer” alguma coisa, envolvendo performances apropriadas em contextos sob os quais determinados atos são reconhecíveis e explicáveis. De forma mais complexa, os “entendimentos gerais” possuem uma maior tenacidade, estando “ancorados”⁵ em determinados valores que influenciam outras ações e práticas sociais; b) As “regras” são formulações interpostas dentro da vida social de forma proposital, orientando determinado curso de atividades, tipicamente por aqueles com autoridade de impô-las; c) As “estruturas teleoafetivas”⁶ se manifestam nas práticas sociais por meio dos “fins” e das “motivações” que orientam os “dizeres” e os “fazerem” das ações. Esse último elemento é o mais importante para fundamentação das práticas sociais, pois definem quais projetos são levados adiante e quais os fins a que se destinam, selecionando as tarefas que os compõem, ou seja, é um conjunto ordenado, *hierarquizado e normatizado* de fins, projetos e tarefas.

Ademais, Schatzki (2002, p. 22) destaca a formação de “ordens sociais”, as quais representam “*the arrangements of people, artifacts, organisms, and things through and amid which social life transpires, in which these entities relate, occupy positions, and possess meanings*”. Percebe-se, segundo o autor,

⁴ Schatzki (2002) acrescentou um quarto mecanismo, em relação ao qual havia escrito em 1996, dividindo o “entendimento compartilhado” em “entendimentos práticos” e “entendimentos gerais”.

⁵ Para uma melhor compreensão sobre “práticas que ancoram, controlam ou organizam outras”, ver Swidler (2001).

⁶ O termo “teleoaffective” vem da união do conceito “teleológico” de Aristóteles, orientado aos “fins”, e de “afetividade” em Heidegger, orientado pelas “motivações”, ambos determinados pela inteligibilidade prática (Schatzki, 2001, p. 60).

que as práticas estão conectadas aos arranjos (artefatos, coisas, pessoas e organismos), formando o que chama de *bundles*.⁷ Ao fim e ao cabo, essa dinâmica entre os arranjos e as práticas estabelece o que o autor define como sendo um “conjunto arranjado de práticas”, a partir do qual os fenômenos sociais fluem. Ao discutir governança e sustentabilidade, por exemplo, Schatzki (2015, p. 17) afirma: “*Because social phenomena transpire in a plenum of linked practices and arrangements, social change consists of changes in bundles – in the practices, arrangements and relations that compose bundles*”. Em alguns aspectos, essa abordagem assemelha-se à proposta de Nicolini (2012), sobretudo ao salientar a necessidade de se observar a composição das práticas sociais. No entanto, nas análises de Schatzki percebemos que tal composição ocorre entre as práticas e os arranjos (materialidades), e apresenta um ganho de escala que se expressa nos conceitos de “constelação” ou *plenum* de práticas.⁸

O uso da teoria das práticas sociais nos estudos alimentares

As quatro abordagens apresentadas anteriormente delimitam grande parte das referências que são citadas nos estudos que evocam a Teoria das Práticas Sociais como ferramenta analítica. Nesta seção, analisaremos como elas têm sido mobilizadas no campo dos estudos alimentares.

Procedimentos metodológicos adotados

Em 26 de fevereiro de 2019, foram pesquisadas seis bases de dados das áreas de sociologia, de ciência e tecnologia de alimentos e multidisciplinares: Proquest Sociological Abstracts, Citas Latino-Americanas en Ciencias Sociales y Humanidades y Humanidades (Clase), Food Science and Technology Abstracts (FSTA), Scopus, Web of Science e SciELO. Também foi realizada busca do tipo “bola de neve” para identificar estudos adicionais por meio da verificação das listas de referências dos estudos elegíveis para leitura de texto completo. As buscas foram atualizadas em 19 de março de 2020 e 25 de agosto de 2021, sendo que esta última atualização não compreendeu a Proquest Sociological Abstracts, que não estava mais disponível para os autores. A mesma estratégia foi utilizada em todas as buscas. Não foi

⁷ Que poderia ser traduzido para o português como “conjuntos” (Schubert, 2017).

⁸ Ver Schatzki (2019, capítulo 2 – “The practice plenum”).

estabelecido recorte temporal e foram incorporados artigos indexados pelas bases de dados até o momento da última busca. Considerando tratar-se de um tema recente, foi fundamental abranger os últimos estudos, sendo que o ano de 2021 acabou sendo representado parcialmente no estudo.

Para o desenvolvimento da estratégia de busca, foram utilizados inicialmente termos extraídos dos títulos, resumos e indexadores de assunto de estudos relevantes conhecidos pelos autores. Foi elaborada uma estratégia de busca inicial utilizando esses termos, e termos adicionais foram identificados a partir dos resultados dessa estratégia, constituindo a estratégia final. A estratégia final utilizou as seguintes palavras ou expressões e suas variações: “food”, “feeding”, “eating”, “diet”, “social practice”, “theory of practice”. Nas bases de dados que incluem títulos e resumos em português e espanhol, foram utilizados também os termos correspondentes nestes idiomas. Foram recuperados 1.747 resultados. Os resultados em duplicidade foram removidos utilizando o *software* Mendeley. Foram removidos 716 resultados, restando 1.031 resultados, que foram analisados pela equipe através da leitura de títulos e resumos, onde se verificou a aderência dos documentos à temática dos estudos alimentares. Nesta etapa, também, foram removidos resumos de trabalhos apresentados em congressos, capítulos de livros, livros e outros documentos, ficando apenas artigos publicados em periódicos e com publicação já confirmada, ou seja, não utilizamos *preprint* ou *ahead of print*. A partir desses critérios foram selecionados artigos que tratassem diretamente de temas relacionados à alimentação – produção, distribuição, consumo e desperdício –, resultando em um banco de dados com 555 documentos. Em uma próxima etapa, foram verificadas as referências bibliográficas dos artigos selecionados, através de uma busca ativa pelos quatro autores considerados “formuladores teóricos” da Teoria das Práticas Sociais: Andreas Reckwitz, Davide Nicolini, Theodore Schatzki, Alan Warde e Elizabeth Shove. Qualquer artigo que tratou do tema alimentar e apresentou ao menos uma citação de qualquer um dos autores elencados compôs a base de dados final para este trabalho, consolidada em 250 documentos. Todo o processo de seleção foi realizado por três pesquisadores, que aplicaram o método de forma independente. Quando os três revisores convergiam na indicação, o documento era selecionado, caso contrário era descartado.

Na sequência, foram feitas buscas pelos textos completos dos 250 resultados restantes através dos meios disponíveis – periódicos de acesso aberto, periódicos assinados pela Capes, recursos das bibliotecas da UFRGS e solicitação aos autores. Foram obtidos 241 artigos, cujos metadados foram organizados em uma planilha no *software* Excel.

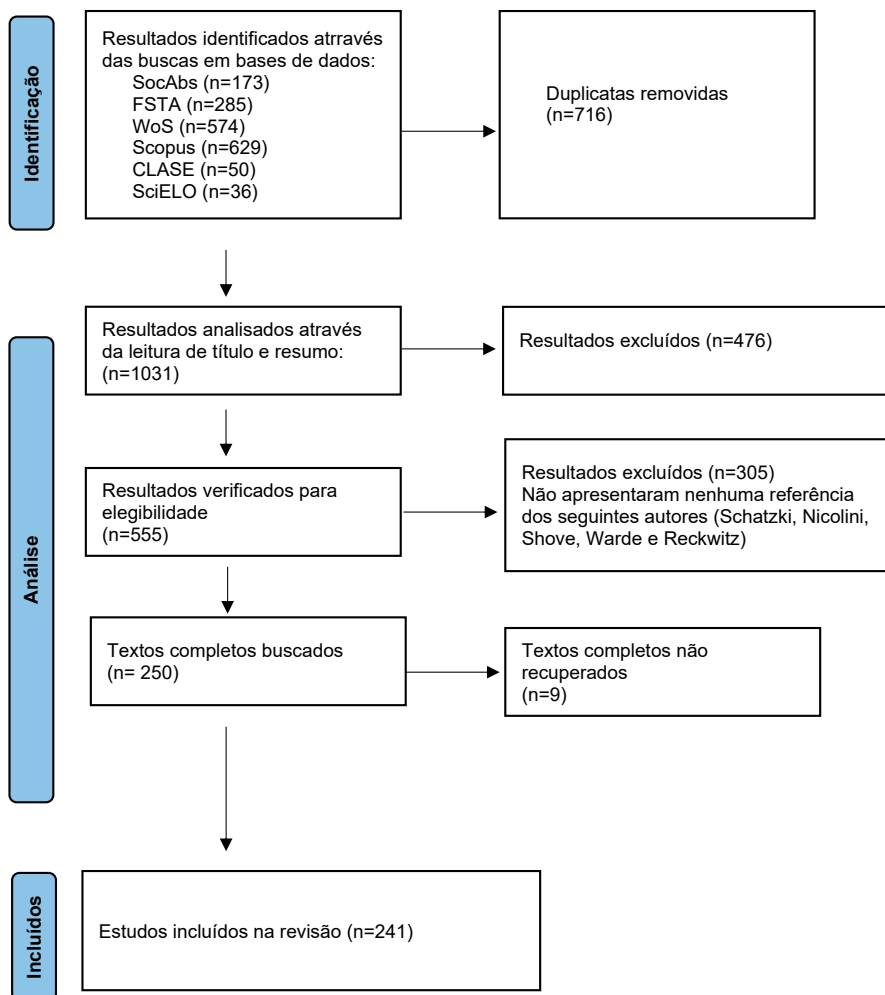


Figura 1 – Fluxograma do processo de revisão.

Fonte: Adaptada de Page et al. (2021).

O fluxograma do processo está esquematizado na Figura 1. Nestes 241 documentos, foram identificados os principais indicadores bibliométricos de autor, instituição, país, revista de publicação, palavras-chave e, adicionalmente, o volume de citações aos autores Schatzki, Nicolini, Shove, Reckwitz e Warde, com o intuito de observar a incidência destes teóricos na área. A identificação destes autores específicos é motivada pela relevância dos seus trabalhos dentro do desenvolvimento da Teoria das Práticas Sociais, ou seja, são referência na

formulação teórica e não somente pela aplicação empírica, pois alguns destes, como Schatzki, Reckwitz e Nicolini não publicam sobre temas alimentares. As análises foram realizadas com os *softwares* Excel e NVivo 1.5.1.

Análise dos dados

O gráfico 1 demonstra uma tendência crescente no número de publicações ao longo do tempo. O primeiro artigo identificado, publicado por Peter Jackson e colegas, com o título *Retail restructuring and consumer choice 2. Understanding consumer choice at the household level*, data de 2006. A principal referência que esses autores utilizam é o estudo de Alan Warde, *Theories of Practice as an Approach to Consumption*, publicado em 2004 como *working paper* em um seminário organizado a partir do projeto *Cultures of Consumption*, coordenado pelo professor Frank Trentmann – uma referência nos estudos sobre Consumo. Esse texto de Warde foi posteriormente publicado como artigo, sob o título *Consumption and the theory of practice*, na revista *Journal of Consumer Culture*, em 2005. Esse artigo, como veremos na Tabela 1, a seguir, tem sido um dos artigos mais citados no campo dos estudos alimentos que utilizam como aporte analítico a Teoria das Práticas Sociais. Peter Jackson continua sendo um pesquisador bastante ativo no campo dos estudos alimentares, e continua utilizando o referencial analítico da Teoria das Práticas Sociais.⁹

Com relação aos espaços onde esse debate tem se desenvolvido, no Gráfico 2 observa-se uma frequência de publicações bem distribuídas em diferentes áreas do conhecimento – ciências da saúde, ciências sociais, ciências agrárias, ciências da natureza, ciências e tecnologias etc., o que ratifica o caráter multidisciplinar do tema. Ao todo, foram identificadas 133 diferentes revistas, sendo que 85 apresentaram apenas uma publicação sobre o tema. Dentre as 20 revistas que possuem três ou mais publicações, destaca-se o *Journal of Consumer Culture*, com 16 artigos. Por sua vez, dentre os artigos publicados nessa revista, as referências recorrentes são: Warde (2005), *Consumption and the theory of practice*, e Shove e Pantzar (2005), *Consumers, producers and practices understanding the invention and reinvention of Nordic walking*. Ambos os estudos possuem mais de 20 citações nos 241 artigos analisados (ver Tabela 1).

⁹ O Gráfico 1 também demonstra um incremento significativo de publicações a partir de 2016, ano em que Alan Warde lançou o livro *The practice of eating*, uma das principais referências no campo (ver Tabela 1).

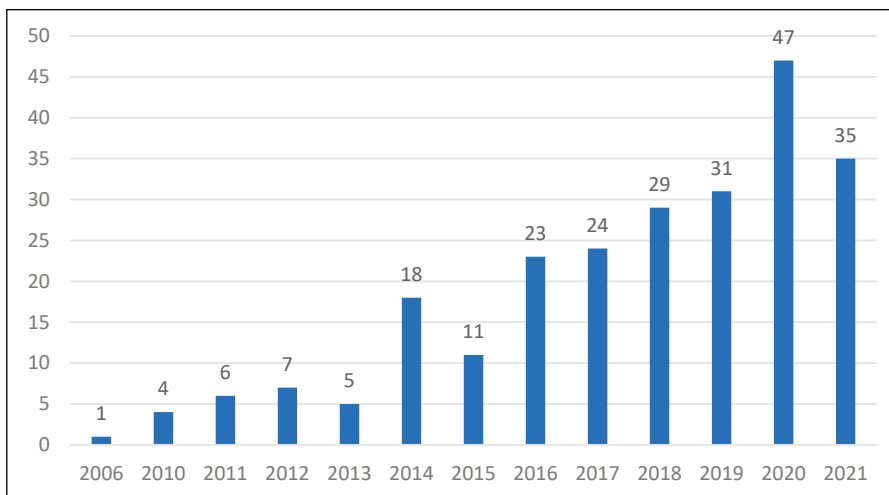


Gráfico 1 – Distribuição das publicações ao longo dos anos (2006-2021).

Fonte: Elaborado pelos autores.

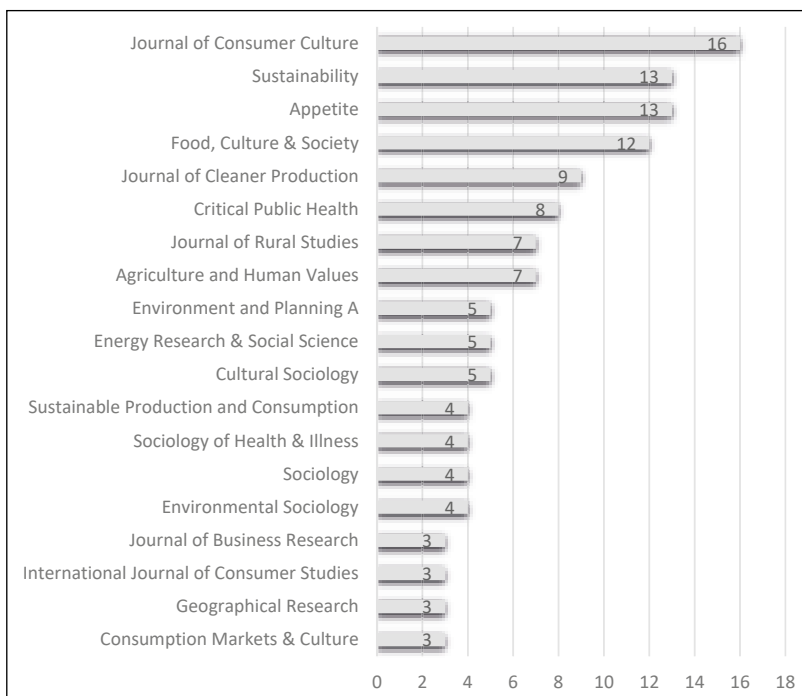


Gráfico 2 – Frequência de publicações em cada revista.

Fonte: Elaborado pelos autores.

A Figura 1 representa as palavras-chaves encontradas em 226 artigos (17 artigos não apresentaram essa informação). Ao todo, foram registradas 1.287 palavras-chaves. Termos utilizados no plural (por exemplo, ‘theories’) foram somados ao seu uso singular (‘theory’) para evitar a duplicação. A palavra com maior frequência encontrada foi ‘practice’ (218 vezes), seguida por ‘food’ (209), ‘theory’ (125) e ‘social’ (100), o que faz sentido, tendo em vista que os artigos selecionados tratam da Teoria das Práticas Sociais aplicada ao campo dos estudos alimentares. Em seguida, palavras como ‘waste’ (27), ‘health’ (24), ‘everyday’ (13), ‘consumer’ (16), ‘eating’ (13), são destaques em relação à frequência com que são listadas, demonstrando um certo direcionamento nos estudos empíricos. O termo ‘everyday’, por exemplo, corresponde à ‘rotina alimentar’, que deriva, especialmente, do artigo de referência de Andreas Reckwitz, *Toward a theory of social practices: A development in culturalist theorizing*, o qual destaca a rotinização das práticas sociais como um elemento analítico fundamental. Outros termos como ‘waste’, exemplificaria um grande interesse pelo fenômeno social do desperdício alimentar. Autores como David Evans, que possui uma frequência alta de publicações, se dedica a esse tema há alguns anos, contribuindo com diversos estudos empíricos. Ademais, o termo ‘health’ demonstra uma participação ativa de pesquisadores do campo das ciências da saúde, com grande atenção ao tema da obesidade e doenças crônicas não transmissíveis. Por fim, o termo ‘eating’ abarcaria diversos estudos que contemplam o fenômeno do ‘eating out’ – no qual Alan Warde tem importantes contribuições –, mas também pesquisas que envolvem hábitos de consumo e cultura culinária. Outras palavras-chaves, como ‘policy’ (10), ‘cooking’ (10) e ‘urban’ (12) também demonstram que estes fenômenos sociais – políticas alimentares, práticas em torno do preparo do alimento (cozinhar etc.) e sistemas alimentares urbanizados (agricultura urbana, feiras, grupos de consumo etc.) –, têm se destacado no uso da Teoria das Práticas Sociais, dentro do campo dos estudos alimentares.

Um dado relevante para essa pesquisa é identificar quais estudos, a partir dos autores de referência já citados – Schatzki, Nicolini, Warde, Shove e Reckwitz –, apresentam maior relevância para os artigos que mobilizam a Teoria das Práticas Sociais nos estudos alimentares. Os seguintes trabalhos foram os que apresentaram maior frequência de citações (acima de 100 repetições): Warde (2005), *Consumption and the theory of practice*; Shove et al. (2012), *The dynamics of social practices. Everyday life and how it changes*; e Reckwitz (2002), *Toward a theory of social practices: A development in culturalist theorizing*. Para a surpresa dos pesquisadores, os trabalhos de Davide Nicolini apresentaram uma baixa frequência de citações, o que talvez reflita

Tabela 1
Trabalhos mais citados de cada autor de referência

| Autores de referência | Trabalhos mais citados (com mais de 20 citações) e os outros | Número de citações |
|------------------------------|---|---------------------------|
| Andreas Reckwitz | Toward a theory of social practices: A development in culturalist theorizing. <i>European Journal of Social Theory</i> 5(1): 243–272 | 133 |
| | Outros < 20 | 8 |
| | Coautorias | 0 |
| Theodore Schatzki | Schatzki, T. (1996) <i>Social Practices: A Wittgensteinian Approach to Human Activity and the Social</i> . Cambridge: Cambridge University Press. | 74 |
| | Schatzki, T. (2002) <i>The Site of the Social. A Philosophical Account of the Constitution of Social Life and Change</i> . Pennsylvania State University Press. | 60 |
| | Schatzki T, Knorr Cetina R and Von Savigny E (2001) <i>The Practice Turn in Contemporary Theory</i> . London: Routledge | 55 |
| | Outros < 20 | 41 |
| | Coautorias | 0 |
| Elizabeth Shove | Shove E (2003) <i>Comfort, Cleanliness and Convenience – the Social Organisation of Normality</i> . Oxford: Berg. | 50 |
| | Shove, E. (2010) <i>Beyond the ABC: climate change policy and theories of social change</i> . <i>Environment and Planning A</i> 42 (6) pp. 1273–1285 | 42 |
| | Shove, E. e Pantzar, M. (2005). <i>Consumers, producers and practices understanding the invention and reinvention of Nordic walking</i> . <i>Journal of Consumer Culture</i> , 5(1), 43–64. | 25 |
| | Shove, E., Pantzar, M. e Watson, M. (2012) <i>The dynamics of social practices. Everyday life and how it changes</i> . London, UK: Sage. | 132 |
| | Outros < 20 | 85 |
| | Coautorias | 18 |
| Alan Warde | Warde A (2005) <i>Consumption and the theory of practice</i> . <i>Journal of Consumer Culture</i> 5(2): 131–154. | 125 |
| | Warde A (2013) <i>What sort of a practice is eating?</i> In: Shove E and Spurling N (eds) <i>Sustainable Practices: Social Theory and Climate Change</i> . Abingdon: Routledge, pp. 17–30 | 22 |
| | Warde A (2016) <i>The Practice of Eating</i> . Cambridge: Polity Press | 52 |
| | Outros < 20 | 39 |
| | Coautorias | 14 |
| Davide Nicolini | Outros < 20 | 9 |
| | Coautorias | 2 |

Fonte: Elaborada pelos autores.

Em face desses dados, nossa interpretação é que os principais autores que têm contribuído na tradução da Teoria das Práticas Sociais para os estudos alimentares são Alan Warde e Elizabeth Shove. Em parte, isso pode ser explicado pelo fato de que ambos contribuem com estudos aplicados aos temas alimentares, diferentemente de Schatzki, Reckwitz e Nicolini. Porém, algumas explicações analíticas suplementares podem ser dadas. Alan Warde tem se diferenciado na medida em que oferece uma perspectiva analítica mais precisa sobre o fenômeno do comer, especialmente a partir do livro *The practice of eating*. Por sua vez, Elizabeth Shove et al. (2012) aportam contribuições relevantes para formulações de políticas públicas e focam no tema da sustentabilidade. Ademais, apresentam contribuições relevantes para a operacionalização da Teoria das Práticas Sociais no livro *The dynamics of social practices. Everyday life and how it changes*, oferecendo aos interessados uma abordagem teórica com categorias analíticas menos abstratas para aplicar nos estudos empíricos, facilitando a construção de variáveis.

Com base no que foi apresentado na Tabela 1, o Gráfico 3 exemplifica a frequência geral de citações para o conjunto dos 241 artigos da base de dados. Percebe-se que, efetivamente, ao se analisar a quantidade de citações, Alan Warde e Elizabeth Shove são as principais referências teóricas da Teoria das Práticas Sociais aplicadas aos estudos alimentares. Ressalta-se, porém, como uma forma de fazer justiça à importância de Schatzki para a formulação teórica da Teoria das Práticas Sociais, que, mesmo não sendo um pesquisador do campo dos estudos alimentares, apresenta uma frequência alta de citações e uma diversidade grande de trabalhos citados, demonstrando sua contribuição estrutural à perspectiva analítica em tela. Os próprios autores Warde e Shove recorrem frequentemente às contribuições de Schatzki para elaborar suas próprias abordagens analíticas.

Ao investigarmos o número de publicações por autor (Tabela 2), identificamos 619 diferentes autores que contribuíram na elaboração dos artigos que compuseram a base de dados em análise. Destes, 393 publicaram apenas uma única vez. No outro extremo, 9 autores publicaram quatro ou mais artigos no período analisado (1990 – Agosto 2021), a saber: Angela Meah (passagem pelas universidades de Shfield e Hertfordshire, atualmente trabalha na empresa Exuvi8), Bente Halkier (University of Copenhagen), David Evans (University of Bristol), Gert Spaargaren (University of Wageningen), Marie Plessz (INRAE), Marlyne Sahakian (University of Genève), Peter Jackson (University of Sheffield), Séverine Gojard (INRAE) e Sigrid C.O. Wertheim-Heck (University of Wageningen).

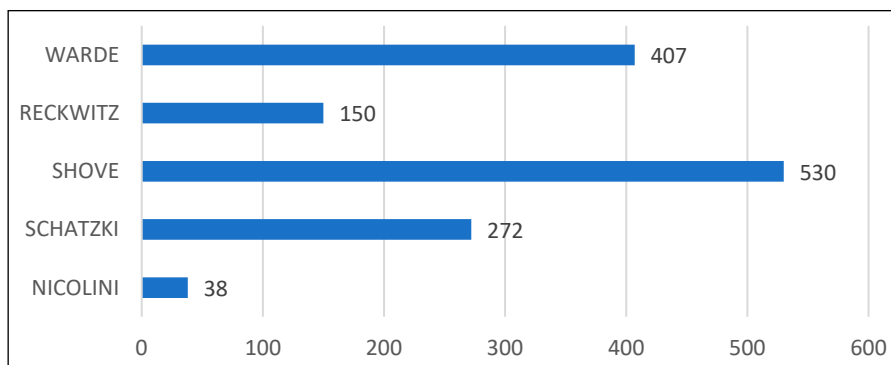


Gráfico 3 – Frequência de citações para cada autor de referência.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Tabela 2
Quantidade de artigos publicados por autor

| Número de Publicações | Número de Autores | Total de publicações |
|-----------------------|-------------------|----------------------|
| 1 | 393 | 393 |
| 2 | 51 | 102 |
| 3 | 10 | 30 |
| 4 | 7 | 28 |
| > 4 | 9 | 66 |

Fonte: Elaborada pelos autores.

Ao se analisar individualmente a produção de cada um destes autores, identificamos algumas redes de colaboração. Angela Meah é uma pesquisadora que teve passagem pelas universidades de Sheffield e Hertfordshire, ambas no Reino Unido. Em Sheffield, colaborou com projetos coordenados pelo professor Peter Jackson – com o qual compartilha três publicações –, e em Hertfordshire atuou em projetos coordenados pelas professoras Wendy Mills e Angela Dickinson, as quais apresentam quatro e três publicações, respectivamente, na base de dados em análise. Por sua vez, Gert Spaargaren e Sigrid C. O. Wertheim-Heck trabalham na universidade de Wageningen, e compartilham três publicações. Uma terceira rede de colaboração pode ser identificada no INRAE (Instituto Nacional de Agricultura, Alimentação e Ambiente), na França. Dessa rede participam as pesquisadoras Séverine Gojard e Marie Plessz – ambas compartilham dois artigos em coautoria.

A autora Bente Halkier, da universidade de Copenhague, não possui colaboração com autores em destaque, mas possui trabalhos publicados com a pesquisadora Lotte Holm, também da universidade de Copenhague, uma referência importante para os estudos alimentares e no uso da Teoria das Práticas Sociais. David Evans é um autor britânico que possui uma rede de colaboração extensa no Reino Unido. Atualmente trabalha na universidade de Bristol, mas já trabalhou com o Alan Warde no *Sustainable Consumption Institute* (SCI), e possui contribuições relevantes sobre o tema do ‘desperdício alimentar’. Por fim, Marlyne Sahakian é professora na universidade de Gênève, na Suíça, publicou dois artigos em coautoria com o pesquisador Laurence Goudin, mas não apresenta uma rede de colaboração extensa.

Nota-se que todos os autores com mais de quatro publicações, selecionadas pela base de dados, são europeus, ou seja, o uso da Teoria das Práticas Sociais nos estudos alimentares parece estar amplamente disseminado e em ascensão na Europa. Os países em destaque seriam, Reino Unido, em primeiro lugar, com diferentes universidades participando dessas redes (Hertfordshire, Sheffield, Bristol, Manchester e Lancaster), a Holanda, com a universidade de Wageningen, e a França, com o INRAE. A Suíça, com a universidade de Genebra, e a Dinamarca, com a universidade de Copenhague, seriam redes de colaboração mais periféricas, mas com contribuições relevantes.

Considerações finais

O estudo apresentou o debate sobre a “virada praxiológica” precisando a emergência, as transformações e as diferentes abordagens da Teoria das Práticas Sociais, e a sua aplicação no campo dos estudos alimentares. A principal contribuição foi a de evidenciar como, desde 2006, tem havido um crescente interesse por esse movimento nos estudos alimentares. Ademais, pontuamos as principais contribuições teóricas, com destaque aos estudos de Elizabeth Shove e Alan Warde, tanto em frequência de citações quanto em trabalhos de referência para ao campo. Conseguimos mapear algumas redes de colaboração entre autores que têm utilizado a Teoria das Práticas Sociais nos estudos alimentares, com destaque àquelas existentes no Reino Unido, França e Holanda.

Em termos de perspectivas, é possível perceber que há um crescente número de pesquisadores utilizando o referencial analítico das Práticas Sociais em pesquisas empíricas sobre a alimentação, a comida e o comer. Pela análise da frequência de publicações nas revistas, notamos que há uma grande di-

versidade de aplicação da Teoria nos estudos alimentares, em diferentes áreas do conhecimento. Tal evidência sugere que a Teoria das Práticas Sociais é um referencial analítico promissor no desafio de aproximar áreas do conhecimento epistemologicamente distantes, tais como a nutrição e a antropologia. Assim, oferece a possibilidade não apenas de unificar resultados e análises, mas também fortalecer estudos comparados entre diferentes contextos sociais – problema permanente em temas multidisciplinares.

No que corresponde aos desafios, salientamos que o projeto “Teoria das Práticas Sociais e Sociologia da Alimentação: desafios metodológicos frente às perspectivas pragmáticas” ainda está em andamento, e que a próxima etapa de análise é composta por uma leitura em profundidade dos artigos selecionados. A proposta é identificar como a Teoria das Práticas Sociais tem sido metodologicamente aplicada nos estudos alimentares. A hipótese inicial é de que a teoria tem sido utilizada de forma superficial, sem reflexões ontológicas profundas, o que resulta em quadros analíticos frágeis e instâncias empíricas com fraca aderência teórica. Se isso se comprovar, significará que a obtenção e a análise dos dados empíricos a partir da “prática” como unidade de análise ainda é um desafio para que essa teoria efetivamente ofereça uma alternativa para os estudos alimentares.

Referências

- BROWNE, C. From the philosophy of praxis to the sociology of practice. In: JONAS, M.; LITTIG, B. *Praxeological political analysis*. New York: Routledge, 2017. p. 35-55.
- BUCH, A.; SCHATZKI, T. *Questions of practice in philosophy and social theory*. New York: Routledge, 2019.
- DÍAZ-MENDEZ, C. *et al. Hábitos alimentarios de los españoles*. Madrid: Ministerio de Agricultura, Alimentación y Medio Ambiente, 2013.
- DÍAZ-MENDEZ, C.; ESPEJO, I. O potencial da sociologia da alimentação para estudar os efeitos da globalização alimentar. In: CRUZ, F. T.; MATTE, A. *Produção, consumo e abastecimento de alimentos*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2016. p. 25-51.
- GUERRA, A. C.; FERREIRA, M. F. Marx e a filosofia: por uma filosofia da práxis. In: JOINGG – Jornada Internacional de Estudos e Pesquisas em Antonio Gramsci, 1. *Anais...* Fortaleza, 2016. Disponível em <http://www.ggramsci.faced.ufc.br/wp-content/uploads/2017/06/MARX-E-A-FILOSOFIA-POR-UMA-FILOSOFIA-DAPR%C3%81XIS.pdf>. Acesso em: 12 set. 2021.
- HEIDEGGER, M. *O ser e o tempo*. 10. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2006 (Originalmente publicado em 1927).
- HOLM, L. Sociology of Food. In: MURCOTT, A.; BELASCO, W.; JACKSON, P. *The handbook of food research*. London: Bloomsbury, 2013. p. 324-337.

- JONAS, M.; LITTIG, B. A praxeological political analysis: an introduction. In: JONAS, M.; LITTIG, B. *A praxeological political analysis*. New York: Routledge, 2017. p. 1-14.
- KANERVA, M. *The new meatways and sustainability: discourses and social practices*. Verlag: Bielefeld, 2021.
- MICHELIS, A. A filosofia da práxis em Antônio Gramsci. *Aufklärung*, v. 4, n. 2, p. 57-66, 2017.
- NEUMAN, N. On the engagement with social theory in food studies: cultural symbols and social practices. *Food, Culture & Society*, v. 22, n. 1, p. 78-94, 2018.
- NICOLINI, D. *Practice theory, work, & organization: an introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2012.
- PAGE, M. J. *et al.* The PRISMA 2020 statement: an updated guideline for reporting systematic reviews. *British Medical Journal*, v. 372, n. 160, 2021.
- PETERS, G. Revista Crítica de Ciências Sociais. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 123, p. 167-188, 2020.
- POULAIN, J.-P. *Sociologias da Alimentação*. Florianópolis: Editora UFSC, 2002.
- RECKWITZ, A. Toward a theory of social practices: a development in culturalist theorizing. *European Journal of Social Theory*, v. 5, n. 2, p. 243-263, 2002.
- SCHATZKI, T. *Social Practices: A wittgensteinian approach to human activity and the social*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- SCHATZKI, T.; CETINA, K. K.; SAVIGNY, E. V. *The practice turn in contemporary theory*. New York: Routledge, 2001.
- SCHATZKI, T. *The site of social: a philosophical account of the constitution of social and change*. University Park: Pennsylvania State University Press, 2002.
- SCHATZKI, T. The edge of change: on the emergence, persistence, and dissolution of practices. In: SHOVE, E.; SPURLING, N. *Sustainable practices: social theory and climate change*. New York: Routledge, 2013. p. 31-46.
- SCHATZKI, T. Practice, governance and sustainability. In: STRENGERS, Y.; MALLER, C. *Social practices, intervention and sustainability: beyond behaviour change*. New York: Routledge, 2015. p. 15-30.
- SCHATZKI, T. Multiplicity in social theory and practice ontology. In: JONAS, M.; LITTIG, B. *A praxeological political analysis*. New York: Routledge, 2017. p. 17-34.
- SCHATZKI, T. *Social change in a material world*. New York: Routledge, 2019.
- SHOVE, E.; PANTZAR, M. Consumers, producers and practices understanding the invention and reinvention of Nordic walking. *Journal of Consumer Culture*, v. 5, n. 1, p. 43-64, 2005.
- SHOVE, E.; PANTZAR, M.; WATSON, M. *The dynamics of social practice: everyday life and how it changes*. Londres: Editora SAGE, 2012.
- SCHUBERT, M. *Comer fora de casa, as práticas e as rotinas alimentares nos contextos da modernidade: uma leitura comparada entre Brasil, Reino Unido e Espanha*. 2017. 304f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

- TIBURI, M. Adorno, práxis e filosofia. *Síntese Nova Fase*, v. 22, n. 69, p. 167-178, 1995.
- WARDE, A. Consumption and theories of practices. *Journal of consumer culture*, v. 5, n. 2, p. 131-54, 2005.
- WARDE, A. *The practice of eating*. Cambridge: Polity, 2016.
- WARDE, A. What sort of a practice is eating? In: SHOVE, E.; SPURLING, N. *Sustainable practices: social theory and climate change*. Londres: Routledge, 2013. p. 17-30.
- WITTGENSTEIN, L. *Investigações filosóficas*. 2. ed. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1979 (Originalmente publicado em 1957).